

PRINCIPAIS ERROS DOS PROFESSORES NO PROCESSO DE ENSINO DE NATAÇÃO

TEACHERS' MAIN ERRORS IN SWIMMING INSTRUCTION

Autor:

Morouço, P. G.⁽¹⁾; Amaro, N.⁽¹⁾

Instituição:

⁽¹⁾Instituto Politécnico de Leiria – Centro de Investigação em Motricidade Humana e Escola Superior de Educação e Ciências Sociais pedro.morouco@ipleiria.pt

Resumo:

A Natação é uma modalidade em que a técnica do nadador assume uma importância primordial para a eficiência do seu deslocamento no meio aquático. Neste sentido, o erro técnico é bastante penalizador, aumentando o dispêndio energético e colocando em causa a obtenção do menor tempo possível, num dado trajeto.

O objetivo principal deste trabalho é apresentar alguns dos aspetos menos positivos observados em aulas de iniciação de Natação. Adicionalmente, pretende-se incentivar ao espírito crítico no desenvolvimento de um processo de incremento de qualidade no ensino da Natação.

Palavras-Chave: Ensino; Didática; Natação

Abstract:

Swimming is a sport in which the swimmer's technique has great importance for the efficiency of their displacement in water. In this sense, the technical error is very penalizing, increasing energy expenditure and placing in question the achievement of shortest possible time, in a given path. The main objective of this paper is to present some of the less positive aspects observed in initiation of swimming lessons. Additionally, we want to encourage the development of critical thinking in a process of increasing quality in the teaching of swimming.

Key Words: Teaching; Didactics; Swimming

1. INTRODUÇÃO

*“Quem não sabe para onde ir,
não deve admirar-se se for parar onde não queria.”*

Roland F. Mager

Sendo a Natação uma modalidade em que a técnica é fundamental para o sucesso, o processo de ensino-aprendizagem reveste-se de extrema importância, especialmente nas fases iniciais de formação da competência aquática (Langerdorfer & Bruya, 1995; Amaro & Morouço, 2010). Este processo, de acordo com Barbosa e Queirós (2005), deve respeitar 3 etapas: planeamento de sessões; realização/direção das sessões; reflexão/avaliação das sessões e desempenho do instrutor. Assim, o técnico de natação deverá não só avaliar, formal ou informalmente, os seus alunos, adequando o planeamento ao nível de aprendizagem, bem como a sua atividade enquanto docente.

A capacidade de reflexão, aliada ao conhecimento científico nas várias áreas que compõem as aulas/treinos de Natação, devem ser ferramentas ao serviço do técnico de natação. No entanto, o facto de possuir conhecimento não significa necessariamente que tenha a competência pedagógica para o aplicar nas suas sessões, com aproveitamento (Piéron, 1992). Deverá então conhecer e ter a competência de intervir em diferentes dimensões didáticas (Barbosa e Queirós, 2005): Instrução; Clima; Gestão e Disciplina. Assim, parece-nos que o técnico de natação deverá dominar as seguintes competências (adaptado de Mesquita, 2000): (i) Técnicas (e.g. conhecer e aplicar as competências técnicas e pedagógicas); (ii) Comunicativas (e.g. ser um comunicador por excelência e com capacidade de se relacionar com os alunos e demais agentes que intervêm no processo de formação desportiva; desenvolvimento da capacidade de comunicação não-verbal); e (iii) Conceptuais (e.g. conhecer a especificidade do meio em que está inserido; manter-se atualizado em relação ao conhecimento produzido na área; dominar conhecimentos do foro das ciências do desporto em geral; conhecer a

especificidade biológica, motora, psicológica e social do desenvolvimento do indivíduo; capacidade de interligar todos os fatores que intervêm no sucesso do ensino – aprendizagem) .

O objetivo principal deste trabalho é apresentar alguns dos aspetos menos positivos observados em aulas de iniciação de Natação. Adicionalmente, pretende-se incentivar ao espírito crítico no desenvolvimento de um processo de incremento de qualidade no ensino da Natação.

2. METODOLOGIA

Foram realizadas observações de aulas de natação por estudantes de ensino superior de Desporto, sem experiência profissional na lecionação, inseridas na Unidade Curricular de Atividades Aquáticas. O processo decorreu ao longo de 4 semestres, resultando em cerca de 120 observações. Para o efeito, foi utilizada uma ficha modelo, onde foram analisadas as dimensões didáticas: Instrução, Clima, Disciplina e Gestão. Após o preenchimento das fichas, os dados foram controlados por dois técnicos experientes em lecionação e coordenação em escolas de Natação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentamos de seguida os aspetos menos positivos de maior relevo/incidência, divididos por áreas de intervenção.

Instrução

- Explicação incompleta das tarefas: A maioria dos instrutores apenas transmite o objetivo da tarefa (o quê), sem mencionar a forma de atingir o sucesso (o como), ou seja, as componentes críticas/critérios de êxito. Ao aluno é deixado, inúmeras vezes, o livre arbítrio técnico para realizar a tarefa proposta. Muitas vezes a dificuldade de comunicação verbal pode ser

ultrapassada pelo uso da demonstração, a qual deverá ser a mais aproximada ao contexto real (se possível com deslocamento do instrutor).

- Inexistência de feedback: Parece-nos ser dos aspetos mais negativos observados, devido à importância do feedback no processo de ensino/aprendizagem. Dada a natureza cíclica, e onde os gestos se repetem inúmeras vezes num trajeto, a informação (resposta à execução do aluno) transmitida ao aluno é fundamental, para evitar a assimilação de erros, que poderão comprometer a evolução do aluno. O feedback não terá apenas o objetivo corretivo ou informacional, mas também motivador, fundamental nesta fase de transição da Adaptação ao Meio Aquático (AMA) para a iniciação das técnicas de nado.

- Comunicação: Este aspeto foi relatado como deficitário, dado que muitos instrutores não conseguiram passar a mensagem para os seus alunos, tendo várias vezes de interromper a aula para comunicar de novo. A informação verbal deve ser ajustada à capacidade de processamento de informação dos alunos (Silva et al., 2003). Por outro lado, a combinação de sinais, verbais e não-verbais, com os alunos é vital na Natação, pois a água, a posição do nadador e o ruído, fazem com que a comunicação seja dificultada, comprometendo o sucesso das tarefas.

Gestão

- Tempo Potencial de Aprendizagem reduzido: No que concerne à gestão do tempo, foram observadas duas grandes lacunas: transições entre tarefas muito demoradas e tempos de espera elevados. As transições entre tarefas podem ser diminuídas e otimizadas se o planeamento assim o prever. As tarefas devem ser planeadas para terem um encadeamento sequencial, quer em termos técnicos (intensidade, complexidade, objetivos, etc.) quer relativamente aos materiais a utilizar. Em relação aos tempos de espera, julgamos serem provenientes de: incorretos planeamentos e inexperiência dos instrutores, podendo coexistir ambos. O planeamento deve prever tarefas em

que os tempos de espera sejam minimizados, contudo, para um melhor acompanhamento de todos os alunos, o técnico pode ser obrigado a utilizar metodologias em que não monitoriza toda a classe. Assim, deve adotar uma estratégia que preveja tarefas de recurso, individuais ou em grupo, que os alunos possam desenvolver autonomamente.

- Posicionamento do instrutor: as observações revelaram alguns instrutores estáticos, presos ao topo da piscina onde se inicia a tarefa, não tendo qualquer possibilidade de identificar erros e corrigi-los, piorando à medida que o aluno se afasta mais. Parece empírico que o instrutor deve posicionar-se no melhor local possível para poder supervisionar, corrigir ou socorrer os seus alunos. Durante os momentos da Instrução deve colocar-se de forma a ser visto e ouvido por todos e no melhor ângulo possível para a demonstração. Como já referido anteriormente quando abordámos o feedback, este comportamento pode, e deverá ser, bastante comprometedor do sucesso do ensino da Natação. Por outro lado, foram relatadas várias ocasiões em que os instrutores viraram costas aos alunos, durante algum tempo e em situações que, quer a segurança, quer a disciplina foram colocadas em causa.

Clima

- Relacionamento autoritário no ensino das técnicas: foi frequentemente identificado um clima de aula menos positivo na fase inicial do ensino das técnicas, em comparação com a AMA, demonstrando alguns instrutores um estilo mais autoritário, com tarefas menos motivantes para os alunos, com bastante incidência técnica e menos componente lúdica.

Disciplina

- Posicionamento do Instrutor: Voltamos a referir o posicionamento incorreto dos instrutores, agora como a causa dos comportamentos desviantes dos alunos. O facto de estar de costas para os alunos, ou longe dos mesmos (posicionamento estático), leva a que alguns alunos tenham adotado

comportamentos que influenciaram negativamente o normal funcionamento da aula.

Aspetos metodológicos

- Espaço de aula inadequado: Na fase inicial da aprendizagem das técnicas, foram reportadas várias aulas em que o espaço da aula era inadequado, sendo os percursos das tarefas demasiado grandes, para o nível dos alunos em questão, levando a que o cansaço se instalasse rapidamente, comprometendo o sucesso das tarefas.

- Turmas numerosas: Um aspeto menos positivo prende-se com o número de alunos por turma, tendo as observações detetado turmas de iniciação às técnicas com cerca de 15 alunos, o que julgamos ser um constrangimento para o sucesso. Numa fase tão crucial como esta, com a aquisição de novas habilidades motoras e onde a heterogeneidade se manifesta de forma mais acentuada, trabalhar com um número elevado de alunos poderá atrasar, ou comprometer em definitivo a evolução dos alunos.

- Aulas pouco diversificadas: ao longo das sessões observadas, houve apontamentos que indicaram este dado preocupante, na medida em que as aulas parecem ter tido uma estrutura muito semelhante, com pouca diversidade e incidindo num trabalho pouco variado, muito centrado em exercícios técnicos, descurando a componente mais lúdica e com uma estrutura muito rígida, onde a capacidade de concentração é muito exigente, algo que vai diminuindo à medida que o cansaço se instala (Soares, 2000). A aula de natação parece assentar num aquecimento (fase inicial), na maioria composto pelo exercício “golfinho” (movimento ondulatório em imersão completa); numa parte fundamental com muitos exercícios técnicos, totalmente centrados na técnica de nado (essencialmente propulsão), negligenciando outras vertentes fundamentais, como as técnicas de partida e viragem (Barbosa e Queirós, 2005); e numa fase final, de suposta relaxamento, onde os alunos são têm “5 minutos de brincadeira” (terminologia comum nas aulas observadas), sem

intervenção do técnico, onde foram observados vários momentos de total ausência do docente, resultando em situações de perigo e em alguns casos, acidentes. Julgamos ser necessária a componente lúdica durante a aula, como fator de motivação para a prática da modalidade (Canossa et al., 2007), no entanto, com um planeamento orientado para a consecução de objetivos previamente definidos e com a direção e supervisão do técnico (Silva et al., 2003).

Com este trabalho pretendemos dar a conhecer um conjunto de situações observadas no processo de ensino-aprendizagem da Natação, que podem comprometer o seu sucesso. Os aspetos aqui evidenciados refletem, na sua maioria, o desempenho dos técnicos e julgamos que devem ser alvo de uma reflexão consciente e crítica, por parte de técnicos e coordenadores/diretores de piscinas.

4. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Amaro, N.; & Morouço, P. (2010). Proposta sequencial de conteúdos para a adaptação ao meio aquático. *Revista Digital EFDeportes*, 140.
2. Barbosa, T.; & Queirós, T. (2005). *Manual Prático de Actividades Aquáticas e Hidroginástica*. Ed. Xistarca. Lisboa.
3. Canossa, S.; Fernandes, R.J.; Carmo, C.; Andrade, A. & Soares, S.M. (2007) Ensino multidisciplinar em natação: reflexão metodológica e proposta de lista de verificação. *Motricidade* 3(4): 82-99.
4. Langendorfer, S.; & Bruya, L. (1995). *Aquatic readiness*. Developing water competence in young children. Human Kinetics. Champaign, Illinois.
5. Mesquita, I. (2000). *Pedagogia do Treino*. Livros Horizonte, Lisboa.
6. Silva, A.; Garrido, N.; Amorim, V.; Alves, F.; Moreira, A.; Campaniço, J.; Reis, V.; & Vilas-Boas, J.P. (2003). *Bases mecânicas das actividades*

aquáticas – Hidrostática: Clarificação de conceitos, implicações práticas e consequências para o ensino. UTAD. Vila Real.

7. Pieron, M. (1992). *Pedagogie des Activités Physiques et des Sport*. Revue EPS, Paris.
8. Soares, S. (2000). Natação. In: *Educação Física no primeiro ciclo*, 154-173, CMP e FCDEF-UP.